



GT 037. Etnografias sobre a financeirização do agronegócio no Brasil: efeitos, disputas e comparações

Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar) - Coordenador/a, Luciana Schleder Almeida (UNILAB) - Coordenador/a

Este grupo de trabalho tem como intuito propor um debate sobre a financeirização do agronegócio no Brasil por meio de etnografias que explorem a imbricação de elementos técnicos e morais que marcam a chamada "sociedade do agronegócio" (Heredia, Palmeira, Leite 2010). São bem vindas reflexões baseadas em trabalho etnográfico que proponham, por exemplo, comparações entre o agronegócio para exportação e redes de troca de produtos não financeirizados, como o caso de sementes crioulas e produtos agroecológicos; descrições de alianças entre técnicos, grupos de pesquisa e produtores em torno de saberes e tecnologias que visam o aumento da produção e circulação de produtos; estratégias discursivas que esses agentes mobilizam para legitimar a expansão do agronegócio; etnografias sobre leilões e mercados agropecuários que joguem luz sobre nos correntes de economia e mercados; análises sobre as distintas temporalidades implicadas no "dentro" e "fora" da porteira, assim como em mercados físicos e futuros. Pretende-se, deste modo, reunir tanto pesquisadores que têm como foco central questões próprias da antropologia da economia, assim como aqueles que as tangenciam tendo em vista os processos de expropriação e conflito que seus interlocutores de pesquisa vêm enfrentando no meio rural brasileiro.

Os pés, a solta, a cerca e o gado: transformações na paisagem da beira do rio

Autoria: Izadora Pereira Acypreste

Devido a uma série de recentes ataques aos direitos dos coletivos que habitam o universo rural na região do Norte de Minas Gerais, especialmente aqueles oriundos de setores do agronegócio, tal como a transmissão de uma reportagem intitulada "Grupos destroem vegetação perto do rio São Francisco", exibida por um canal da TV aberta no mês de julho de 2018, a qual atribui aos "quilombolas, ribeirinhos, pescadores e integrantes do movimento Sem Terra" a responsabilidade pela atual degradação do rio e de suas margens, neste work procuro apresentar algumas reflexões da pesquisa que venho desenvolvendo junto a coletivos de pescadores, vazanteiros e quilombolas que vivem nas porções inundáveis da margem esquerda do São Francisco, no município de Januária (MG). Ao contrário dos argumentos utilizados na reportagem transmitida pela emissora, pretendo descrever como, de diversas maneiras, os coletivos da beira do rio têm resistido às transformações causadas pela implementação das grandes fazendas em seus territórios. Para tanto, tomarei como foco de análise a relação dos meus interlocutores com as plantas, o gado e as águas. A etnografia realizada até o momento permite dizer que os pescadores, vazanteiros e quilombolas percebem de forma muito apurada e produzem conhecimentos profundos sobre as mudanças do tempo, observam os gostos e os comportamentos das plantas, dos bichos, das pessoas e estabelecem com estes outros seres uma infinidade de práticas e relações que são constituídas e que constituem seus modos de vida e também o que entendemos como seus territórios.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

